

Memória virtual: Construção de arquivos e instrumentação de leitores na internet

Denise Ventura Schittine (dschittine@yahoo.com.br)
<http://lattes.cnpq.br/8555468500248840>

1 – INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA

Georges Perec tem uma leitura muito particular da frase célebre de René Descartes: “Eu me lembro, logo existo”. Com esta afirmação, ele posiciona a importância da memória para a formação do homem. É preciso que tenhamos lembranças para entendermos de que somos feitos. Marcel Proust acreditava que o trabalho da memória era o de construir fundações duráveis no meio das ondas. O trabalho parece mesmo difícil. Mais ainda se pensarmos que a memória, por si só, já é um sistema complexo que trabalha em rede, que abre as mais variadas janelas e que devemos acessar várias vezes durante o dia. O fato é que, atualmente, temos a impressão de que cada dia vivido leva com ele lembranças irrecuperáveis, perdidas.

É cada vez mais difícil construir “fundações duráveis” com os repertórios escorregadios que chegam junto com informações recebidas e processadas diariamente num ritmo enorme. A memorização precisa ser feita a partir de um fluxo acelerado. Quando se pensa em guardar alguma informação, ela já se perdeu em algum lugar do cérebro, num canal de televisão, ou num site que não conseguimos mais acessar. A internet nos dá a possibilidade de arquivá-la, mas isso nos dá o controle sobre a memória dos fatos?

A memória é por natureza caprichosa. Montaigne observava os paradoxos mnemônicos: quando mais tentava consultar a memória, mas ela parecia embaçar, fazendo com que ele se lembrasse de uma série de coisas inúteis. É muito difícil entender os mecanismos que operam o sistema mnemônico. Na tentativa de encontrar uma explicação, os filósofos antigos descreviam a memória através de três belas metáforas. A primeira é a do pedaço de cera: a memória imprime nele o que ela gostaria que fosse lembrado. A segunda imagem é a de um vasto celeiro, uma plantação em que o homem cultiva as impressões do passado. “Recordar significa, nesse caso, recolher nesse tesouro de informações, nessa massa inerte, lembranças.”

(Casalegno, 2006, p. 17) A terceira metáfora mostra que as lembranças são como vários pássaros de espécies e cores diferentes engaiolados na **casa da alma**. Neste caso a memória está sempre em atividade e mudança e as lembranças agitam suas asas.

A memória é, então, um organismo vivo, com uma atividade volumosa e que, muitas vezes, parece atuar de maneira rebelde e servir mais a uma causa própria e independente do que particularmente ao homem. As lembranças estão sempre em movimento, fugidias, e cabe a cada um criar uma determinada sorte de mecanismos que dêem conta de organizá-las. Ao longo dos tempos estes mecanismos vão desde uma fita amarrada no dedo, passando pela agenda pessoal e os bilhetinhos até chegar aos arquivos de computador, agendas eletrônicas e *palmtops*.

Cada um de nós possui uma quantidade de lembranças guardadas em arquivo pessoal que vêm à tona quando o consultamos. O nosso “guarda-memória”, para usar a expressão de Philippe Lejeune, é pessoal e, a princípio, intransferível. No entanto, vem sendo assediado de tal forma por informação, que precisa, cada vez mais, de arquivos auxiliares. É preciso lembrar, e lembrar não apenas das coisas mais importantes, mas de um pouco de tudo. O resultado é que a grande maioria das pessoas possui um arquivo de memória pessoal no computador também, que inclui os textos armazenados no HD, em disquetes, CD´s e os que dançam virtualmente em *blogs* e páginas pessoais.

2 – UM PRESENTE ESGARÇADO

Pensemos neste leitor que navega substancialmente pelo ciberespaço. Como ele lida com os processos mnemônicos de produção de textos, arquivamento e seleção. Os arquivos em rede crescem proporcionalmente à necessidade dos indivíduos de armazenarem cada vez mais informação. Existe uma ansiedade generalizada por arquivamento nos tempos atuais que vai despertar o interesse de alguns pensadores contemporâneos. Gilles Deleuze acredita que vivemos num mundo cada vez mais caótico e fragmentado e que o movimento que temos de procurar é o de tentar abrir um guarda-sol que nos proteja da desorganização.

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa de si mesmo, idéias que fogem esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras que também não dominamos. (Deleuze, 1992, p. 223)

Esta é a angústia contemporânea: uma memória em forma de mosaico, um quebra-cabeça, um labirinto em que os arquivos estão guardados nos cantos, nas dobras e se tornam fáceis de serem perdidos e difíceis de encontrar.

Para orientar-se, o indivíduo cria uma série de mecanismos de defesa, de maneiras de guardar esses fragmentos flutuantes, logo esquecidos e suplantados por outros, novos. A preocupação é em fixar o tempo presente, não mais o passado. A memória passa a pertencer não mais ao espaço, mas ao tempo. É viva e instantânea e movimenta-se num terreno que não é mais o dos fatos, mas o das ações. Alguns elementos que serviram para marcar fisicamente a memória, como os monumentos, permanecem, mas são substituídos em suas funções. É preciso encontrar outras marcas do tempo que já não serão mais as espaciais a que estamos acostumados até agora.

A memória passa atuar como uma presença. Porque o homem terá que desenvolver instrumentos para arquivá-la no presente. É o que Paul Virilio vai chamar de uma maneira audaciosa de “memória do instante”. É possível esta memória do instante? Pensamos que sim, já que o presente está cada vez mais esgarçado, prolongado entre passado e futuro.

Existe uma memória do tempo presente, ainda pouco desenvolvida, excepcional e paradoxal, mas que logo vai se pedir que passe a ato. Creio que a idéia de memória presente, para além da ambigüidade que ela possa apresentar atualmente, possui uma vocação para se desenvolver plenamente. (Virilio, 2006, p. 93)

Neste sentido, a memória virtual é uma das principais responsáveis pela atualização do instante, do presente. Porque a velocidade dos processos virtuais e eletrônicos é capaz de acompanhar a aceleração de informação.

Este tipo de memória de que Virilio fala é, de alguma forma, paradoxal, diferente da idéia que tínhamos até hoje do processo: uma faculdade que atua no passado, no que já aconteceu. Quando passamos para o agenciamento da memória em rede, na internet, as noções de tempo e espaço se modificam. O

lugar não existe mais porque não é real, é virtual, e o tempo é o presente, é o agora. As tecnologias de comunicação problematizam a memória vivida, no momento mesmo em que o usuário está traçando o seu caminho pelo labirinto rizomático da rede.

A maneira como este instante presente vai gerar memória é uma outra questão que está muito relacionada às possibilidades de esgarçar o tempo. É como se o instante presente ao contrário de desaparecer, começasse a se dilatar. Virilio usa uma metáfora interessante para explicar o prolongamento do presente: pensar no efeito de uma lupa não sobre um objeto, mas sobre o instante, aumentando e estendendo a sua durabilidade. Então, sob esta superfície já é possível pensar em produção de memória. É mais ou menos o que Jesus Martin Barbero adiantava em seus estudos sobre “topografias da memória”: com um passado feito de pastiche, uma ausência de futuro e um presente sem fundo, sobra para o homem atual uma sensação de vazio, de “sem saída”.

O instante presente vira, automaticamente, um acúmulo de passados. O que é considerado novo perde a sua validade e ineditismo, a produção em quantidade da informação transforma o **agora** em **outrora**. No meio deste turbilhão está um homem de identidade fragmentária que precisa reunir repertórios para sua base memorial de dados. É nesta dobra, nesta lacuna, neste hiato que vai entrar a demanda pela informação na internet. Porque, basicamente, o funcionamento da memória, em seu sentido tradicional opera de maneira muito parecida ao da rede: ela abre janelas, arquiva documentos, cataloga sensações. “Nesse caso, estamos diante de uma estrutura rizomática que permite cruzar nossos pertencimentos e superpor nossos círculos de amigos, de lazer, de conhecimento, de interesses.” (Casalegno, 2006, p. 27) E esta definição de Federico Casalegno serve tanto para a memória corporal, como a para a memória virtual.

3 – DA MEMÓRIA REAL E DA MEMÓRIA VIRTUAL

A memória corporal desenvolve estas atividades de armazenamento, arquivo e consulta com um ritmo próprio. Frequentemente, o conteúdo da memória humana é fruto também da velocidade do esquecimento. A memória é

aquilo que resiste depois que esquecemos: “não há memória sem esquecimento”. Algumas coisas vivem e permanecem no sistema cerebral exatamente porque outras morrem, cedem seu lugar ou ficam escondidas em algum canto obscuro do subconsciente e afloram em momentos, à primeira vista, insensatos. É próprio da memória humana - e cerebral - ser seletiva. Em uma das subdivisões que se faz do processo mnemônico observamos o desenvolvimento de duas memórias: uma diurna atenta aos fatos corriqueiros do cotidiano, e a noturna, que acaba esquecendo algumas coisas do dia e selecionando outras. Esta questão se aproxima muito da base dos sonhos no estudo da psicologia.

Para além das possíveis escolhas, a memória também é fruto de alguns erros de percepção. Várias pessoas podem lembrar de um mesmo fato de maneiras diferentes. É a idéia do ponto de vista individual, que privilegia alguns acontecimentos em função de outros. São as “infidelidades” da memória.

Nós então podemos dizer que a memória humana é um processo que comporta um princípio de incerteza muito forte. Têm-se esquecimentos completos e importantes, datas de acontecimentos que se apagam, que se recalcam porque se está incomodado pelo acontecimento, então oculta-se. (Morin, 2006, p. 140)

A necessidade de esquecer vem exatamente da saturação mnemônica que acontece de tempos em tempos em nosso cérebro, vem da demanda de desobstruir a memória. Selecionar, hierarquizar e colocar em ordem de importância os fatos e eventos já é uma necessidade do homem que tenta, às vezes inutilmente, impor esta organização à memória.

O principal problema da equação memória/esquecimento vem do fato de que não conseguimos em primeira mão **escolher** o que gostaríamos de lembrar ou de esquecer. Associa-se a este um problema contemporâneo: o da rapidez de esquecimento. Quanto mais rápido recebemos informações, mais rápido esquecemos, mais nos arriscamos a cair na amnésia. Neste sentido o papel das mídias e novas tecnologias é bastante dúbio: ao mesmo tempo em que realizam a manutenção da memória são responsáveis também pela sua perda. São elas que disponibilizam uma quantidade de arquivos diariamente através de imprensa, televisão, CD-Rom e internet. Arquivos que acabam ajudando a provocar a amnésia.

Sofremos antes de um excesso de velocidade de informações que nos faz sentir incapazes de absorver por muito tempo os acontecimentos. O tempo se comprime, vira uma sucessão de presentes acelerados que logo se transformam em passado. A sensação que temos é de que a memória se transforma em algo efêmero e deficiente, incapaz de dar conta do fluxo informacional. A ansiedade é de tentar aperfeiçoar o trabalho mnemônico para dar conta da rapidez. Ou seja, uma nova angústia aparece quando as pessoas acreditam que, mais cedo ou mais tarde, esquecerão tudo, e por isso buscam o apoio de novas formas de memorizar. O auxílio das novas tecnologias e da internet é importante neste momento, elas ajudam a corporificar e consolidar a memória.

O computador, com sua capacidade aparentemente infinita de armazenamento, funciona como um instrumento de capacitação e conservação de arquivos. Que tipo de vantagens este aparato traz para a memória coletiva ainda é difícil de se conseguir avaliar, mas o certo é que a memória do indivíduo passa a ser menos exercitada e, por isso, se torna mais preguiçosa e dependente. O imediatismo da internet traz, através dos sites, a lembrança dos fatos gerais que são armazenados em “tempo real”, mas possibilita também a formação de um arquivo pessoal. Com estas facilidades a memória psíquica vai abandonando a sua maneira tradicional de trabalhar e delegando inúmeras tarefas a uma memória artificial.

A técnica e as novas tecnologias são certamente obstáculos à memória tradicional. E isso na medida em que elas encurtam o prazo de inscrição das coisas. As coisas não têm tempo de se inscrever, elas quase não têm tempo de serem estabelecidas. (Baudrillard, 2006, p. 126)

Por isso, é preciso que as coisas sejam automaticamente arquivadas e inscritas, nem que seja de todas as maneiras e por toda a parte. No mesmo momento em que são estocadas, guardadas, se não recebem a consulta de um usuário são informações mortas, perdidas.

Diante dos novos desafios que se impõem à memória tradicional assistimos a algumas mudanças. A maior dificuldade de adaptação é para a geração de usuários de sistemas que ainda operavam com a provocação da memória tradicional. Ou seja, os repertórios cognitivos de quem vivia numa

sociedade baseada na oralidade, são diferentes daqueles que transportaram os arquivos para o livro e de quem, hoje pensa e se organiza através do computador. Nas comunidades mais antigas as pessoas mais velhas eram consideradas as “guardiãs” da memória, o livro chamou para si esta responsabilidade e, agora, o computador pretende acalentá-la também. Junto com ele, aparece também uma geração multiforme que de um lado circula com liberdade pelos ambientes da *web* e, por outro, embrenha-se neles porque conhece o meio e os códigos, mas ainda não sabe dispô-los em causa própria.

A “velha memória”, fruto do exercício da lembrança e do esquecimento, que se constrói pelo movimento de grandes repousos e eventuais despertares vai precisar sofrer ajustes. Isto não significa que ela tenha desaparecido, ou vai desaparecer (a memória pela oralidade, por exemplo, ainda persiste), mas que ela vai precisar conviver e tentar trocar informações com a memória artificial. As idas e vindas, as lacunas ou a descoberta inesperadas de lembranças esquecidas por uma memória “indomável” são, aos poucos, auxiliadas por uma memória artificial que permite a seleção prévia de lembranças. É como se o usuário pudesse escolher arbitrariamente dentro da rede aquilo que quer memorizar e colocasse no arquivo de “favoritos” para acessar num clique quando quisesse trazer uma lembrança à tona.

À primeira vista as vantagens parecem inúmeras, as pessoas parecem se livrar de uma memória “caprichosa”, para passar a um outro tipo de memória, passível de ser controlada pelos cliques do *mouse*. O computador permite ao indivíduo, pela primeira vez, ter a sensação de que pode controlar a sua própria memória. O sentimento é ilusório por vários motivos. O primeiro deles é que a capacidade de armazenamento aumenta, mas a de seleção não. Criamos apenas um segundo arquivo e “segundo cérebro” que, além de tornar o nosso mais preguiçoso, consegue acompanhar a rapidez do fluxo de informação. O computador comprime o tempo e cria arquivos com uma rapidez que o ser humano nunca seria capaz de imitar. “Essa massa de informações, de certa maneira nos mantém seguros. É uma presença importante, asseguradora, disponível, mas é diferente da circulação viva das informações.” (Baudrillard, 2006, p. 127)

A memória de disco rígido do computador, os disquetes, os CD's, e na internet o hipertexto – que não tem começo ou fim, que permite acoplagem sucessiva de outros textos – tudo contribui para uma obsessão específica do homem já apontada por Andréas Huyssen: o arquivismo. A memória moderna se baseou no arquivo e, os tempos atuais, tentam sem grande sucesso adaptar o fluxo imenso de informação a este sistema já um tanto ultrapassado. No entender de Pierre Nora a memória moderna “é, sobretudo, arquivística. Ela repousa inteiramente na materialidade do vestígio, na imediatez do registrado, na visibilidade da imagem”. De fato a tentativa, atualmente, passa a ser não só preservar o passado, mas também o presente.

Ao arquivo cabe a tarefa de lembrar, o computador permitiu, com sua tecnologia, essa floração de arquivos. Com ele é possível começar um arquivo sem terminar o outro, e depois voltar ao primeiro, reestruturá-lo e reescrevê-lo. Para fazer o caminho de um a outro na rede basta trocar de tela apertando o *mouse*, não é mais o movimento de virar páginas, mas de abrir janelas. Os arquivos dividem o mesmo espaço, circulam na mesma tela do computador e, não necessariamente, estão organizados por ordem de importância. É o arquivo de quem escreve, mas também o de quem lê. É uma memória fragmentária, mas ao mesmo tempo coletiva: um fichário pessoal e plural.

4 – A QUESTÃO DO LEITOR: COMO CONSTRUIR UM ARQUIVO INDIVIDUAL A PARTIR DO COLETIVO

O maior desafio destas novas tecnologias é, de fato, tentar instaurar uma memória viva. E ressuscitar a memória depende de dar uso a ela e instrumentalizar leitores e navegadores para aprenderem a usar e acessar os arquivos. O arquivo precisa ser vivo. Além de estar disponível para todos, precisa ser compartilhado, complementado, utilizado pelos usuários.

Uma das questões que é importante quando pensamos em disponibilizar informações é a obsolescência, que neste caso não é apenas quando a informação está desatualizada, mas também quando pára de ser usada pelos navegantes. É como se as informações fossem constantemente estocadas tanto na *web* como no disco rígido do computador, mas não fossem procuradas, ou manipuladas. Jean Baudrillard observa que, se esta dinâmica chega ao limite, a memória pode se transformar num fóssil, uma função inútil

pela falta de uso. “Informações podem ser estocadas em um computador ou colocadas na *web*, mas depois é preciso ter a idéia de buscá-las (...)” (Baudrillard, 2006, p. 127) É neste momento que o usuário vai sair em campo para formar a partir da memória coletiva, dispersa na rede, uma construção individual.

Para dar origem a este discurso, a este arquivo próprio, ele precisa estar ciente de que o seu sistema de navegação também não é linear. As suas viagens eletrônicas vão ser sempre inteiramente diferentes dos deslocamentos físicos. Não que o espaço físico e o eletrônico não se cruzem nas malhas da rede e da vida, mas vão estar em interação virtual. Enquanto alguém trabalha pode estar conectado na internet visitando outros lugares, participando de bate-papos, mandando *e-mails*, fazendo amigos. Ou seja, pode estar operando uma construção mnemônica real e virtual ao mesmo tempo.

Consigo desdobrar a minha mente. Estou ficando perito nisso. Me vejo como duas, três ou mais pessoas. E limito-me a ligar uma parte de minha mente e depois outra, à medida que viajo de janela em janela. Estou tendo uma discussão qualquer numa das janelas e tento paquerar uma garota numa outra janela e, numa terceira, pode estar correndo uma folha de cálculo ou outra coisa técnica para a universidade... E de repente recebo uma mensagem em tempo real e calculo que isso seja a vida real. É só mais uma janela. (Turkle, 1997, p. 8)

Este novo leitor é aquele que vai ter a facilidade de “desdobrar a mente”, ligar e desligar partes de uma memória que, por si só, já é construída em mosaico.

A memória é um mecanismo feito de interações entre o coletivo e individual. E a noção de coletivo na internet aparece muito ligada à palavra comunidade. Se um número de pessoas possui algo em comum, rapidamente se reúnem “em baixo” de um *www* e formam uma comunidade. Os textos, informações e conteúdos que aparecerem na página desta comunidade fazem parte de uma memória coletiva. A memória é uma condição importante para a formação de uma comunidade, senão seriam apenas pessoas em torno de um objetivo. Querer gravar, marcar o que foi feito ou conquistado é um traço que caracteriza a memória humana e que aparece tanto nas comunidades reais como nas virtuais: a diferença é que as primeiras geram monumentos e museus, as últimas imagem e texto.

A internet vai ter como proposição criar uma memória global por ser uma rede mundial. Entretanto, por baixo das ilusões que este discurso possa ter, existe uma barreira real de pessoas que não estão em rede e, por isso, se vêem alijadas da participação desta memória global e outras que caminham pela rede, mas se perdem nos atalhos. É claro que existem alguns ganhos: a internet é descentrada, o que permite que uma série de pequenos discursos e arquivos memoriais se construam. Uma mesma pessoa pode participar de grupos diferentes e ajudar a construir memórias diferentes dentro da rede. Ela vai se estender pela trama da própria memória e encontrar os nós ou pontos de interseção entre as diferentes comunidades. “Aqui, o território se torna um tecido conectado, uma interface de memória entre os homens e suas sociedades.” (Casalegno, 2006, p. 23)

A sensação de pertencimento pode ser de uma ou mais comunidades, e é circulando entre elas que o navegador, o internauta cria o seu percurso e contribui para as memórias coletivas. Ele pode traçar a sua memória individual desta maneira: caminhando no labirinto da rede, de modo a quando alguém puxar o fio de Ariadne, descobrir quais foram as escolhas que fez. Ou inscrever a sua história na *web* através dos *blogs*, *fotologs*, páginas pessoais e perfis de relacionamento. Em todo caso, esta tensão entre repertórios coletivos e individuais representa a tensão da memória desde sempre, independente dos suportes que ela possa ter. Se existiam monumentos, prédios e arquivos públicos representando a memória coletiva, havia auto-retratos, diários e autobiografias defendendo a memória individual. Se aparecem sites coletivos para representar grêmios, comunidades, clubes e hobbies, existem as páginas individuais.

Apesar de todo o otimismo dos intelectuais que estudam a rede, o sistema todo só vai funcionar como memória coletiva, como rede de trocas possíveis quando as interações de memórias individuais e a sinergia de recordações pessoais forem realmente viáveis e articuladas entre os indivíduos em movimento perpétuo. Por enquanto, o sonho da “aldeia global” de Mashall McLuhan ainda está longe de virar uma realidade. Para Federico Casalegno, que desenvolve atualmente projetos sobre interações na internet pelo MIT, estamos mais próximos de uma “aldeia fractal”: como se o impacto das novas

tecnologias em nossas comunidades fosse mais o de fragmentar do que o de arregimentar. Fragmenta não só porque exclui uma grande maioria de usuários, mas também porque cria uma comunidade que está aparentemente coesa, mas não se comunica nem comunga. “Distantes de uma dinâmica comunitária e de uma memória coletiva auxiliada pelos computadores ligados em rede, encontramos-nos numa ‘forma autista e fragmentada de memorização’.” (Casalegno, 2006, p. 25)

O importante é voltar os olhos com crítica para o projeto da internet que se pretendia inclusivo. Mesmo dentro da rede, a formação de comunidades e memórias coletivas supõe um critério dos que podem e dos que não podem participar. Fica a dúvida se a internet, que se propõe a instaurar uma comunicação à distância, na verdade não acaba proclamando a “distância na comunicação”. E, de fato, esta distância se dá por vários motivos, um deles é o uso que nos propomos a fazer da rede, uso que pode tanto instaurar barreiras comunicativas “quanto fomentar relacionamentos” ou formação de memória partilhada.

É muito difícil avaliar ainda quais são as contribuições da internet para os arquivos pessoais e coletivos porque ela é um meio de comunicação bastante paradoxal: ao mesmo tempo em que convida, exclui, ao mesmo tempo em que oferece possibilidades não instrumentaliza o usuário para usá-las. De todas as possibilidades que a internet potencializa uma me interessa particularmente por apontar para um uso mais criativo da memória: a interação. Um dos principais problemas do individualismo é que costura o tecido da memória de uma maneira autônoma e que usa “sempre os mesmos fios e um único e imutável trançado, o qual, por não conter os fios que o Outro tece, é irremediavelmente alienante.” (Miranda, 1992, p. 120) A escrita na internet reclama a presença do Outro, se faz pela negociação dos espaços interativos, que são os lugares onde os discursos e as memórias se cruzam. Então, o tecido dessa memória individual pode ser enriquecido com a ajuda e a influência do Outro. Isso gera uma forma mnemônica menos centralizada e alienante.

E isso pode torná-la uma memória compartilhada: formada pela contribuição coletiva dos usuários. Mas para chegar a este ponto é necessário

que a maioria se sinta mais convidada a participar e que aprenda a montar e dispor de seus arquivos pessoais. É neste momento que esbarramos na formação deste leitor de ciberespaço. Mesmo tendo nascido sobre a influência da virtualidade, crescido em frente à tela e dominando os códigos técnicos na navegação, existe o risco deste navegante ficar à deriva na rede. Para formá-lo é preciso que seja como leitor, mas também como navegador (para usar uma expressão de Roger Chartier). É necessário que o leitor aprenda a manejar a informação.

(...) a quantidade de informação disponível exigindo capacidade de seleção, orientação de busca, ordenação pessoal de dados, esbarra no exército de informantes desorientados (...) Só os verdadeiramente iniciados como leitores andarão pelos labirintos destas bibliotecas virtuais, com algum conforto e independência (...) (Yunes, 2002, p.4).

Ou seja, o navegador precisa ter um repertório prévio.

Este repertório pode ser formado não só pela tradicional informação dos livros, mas pela leitura das imagens e das mídias. Porque uma formação não exclui a outra: elas são complementares, uma vem de auxílio à outra. A soma destes conhecimentos é importante porque a própria memória é, em si, um fenômeno multimídia: há a memória dos textos, das imagens, das narrativas, de dados. O leitor, então, precisa dispor de livre acesso a todos estes códigos: os tradicionais e os virtuais, para poder montar o número de informações que recebe diariamente de maneira criativa e biográfica.

A disponibilidade de informações e de memória coletiva só terá sentido se o **leitor** (e aqui observamos que leitor é aquele que sabe **ler** o mundo) aprender novos modos de seleção e acesso à informação. De outra forma a internet vira um sistema paralelo de acesso limitado, uma biblioteca entulhada de livros na qual os visitantes não conseguem se locomover e localizar o exemplar que desejam. Pode virar um estoque cheio sem finalidade. Na verdade, quem deveria organizar estas informações no sentido de dar finalidade a elas é o leitor: ele precisa ir até lá e buscá-las, usá-las em benefício próprio. A procura exige paixão, demanda e projeto destes leitores. O risco de estarem clicando com o mouse e abrindo janelas perdidos no ciberespaço é enorme.

Cabe a cada um saber desenvolver a seleção, aguçá-la. O método que conhecemos até hoje de fixação da memória é o realizado pela repetição, mas isto já é feito em sala de aula e, muitas vezes, não causa o efeito necessário.

Em nossas sociedades, o livro está irremediavelmente atrelado à escola, ainda, já que as estreitas políticas de leitura postas em prática desconhecem que o letramento é cultural, deve ser praticado enquanto recepção e interação em todo o espaço social – lemos museus (e seus catálogos), filmes (e suas críticas), cidades (e suas administrações). (Yunes, 2002, p. 7)

O mesmo distanciamento que existe em relação aos livros – o medo da vasta biblioteca – pode começar a acontecer com o computador: os leitores podem dançar pelo espaço virtual sem, no entanto, encontrarem sentido em suas trilhas. Podem dominar os códigos e não saberem pensar intelectualmente em cima deles. É a questão do iletrismo que atravessa as sociedades reais e as comunidades virtuais.

Um novo potencial de leitor aparece, um leitor disposto a negociar a sua subjetividade, um leitor que pode contribuir para o hipertexto, que pode adicionar a sua memória individual na coletiva, que opera em rede. Junto com ele e sua facilidade para dominar os novos sistemas tecnológicos – leitura diretamente na tela do computador, copiar e colar textos, escrever e ler vários textos ao mesmo tempo – surge a necessidade de exercitar o pensamento para se tornar independente e saber escolher, arquivar. Mas escolher, analisar e selecionar de acordo com os novos paradigmas de formação de acervos: incluir neles não só a escrita, mas a imagem, as mídias e a internet.

5 – O RETORNO ÀS ORIGENS: A NARRAÇÃO

Considerando o choque que existe entre a geração criada com o livro como paradigma central da cultura e esta, que cresceu sob a égide de uma revolução eletrônica, com *mouse* nas mãos ao invés de lápis, é preciso arranjar uma solução intermediária: que não elimine o livro e sacralize a internet e vice-versa. Esta solução talvez esteja mais próxima de uma volta a um antigo hábito do indivíduo: o hábito de narrar. Voltar a desenvolver as antigas funções do relato e da narrativa é uma maneira de criar bases de pensamento e bases de

memória. Paul Virilio alardeia: “É preciso que haja narrativa! (...) esquecemos o fato de que não pode haver memória se não há coisas para contar. O relato não é algo ligado à duração. (...) Há relato quando o tempo é mais curto, e o interesse das tecnologias é apenas o de dilatar essa narrativa.” (Virilio, 2006. p.103)

E, neste caso, as narrativas podem ser de variadas naturezas: uma imagem é uma narrativa, uma obra de arte, um videoclipe, um texto na internet. A densidade dessas narrativas vai variar de acordo com a profundidade e o repertório de leitura de quem as cria. E isto não se mede pelo tamanho da narrativa, mas pela complexidade. Para lembrar um exemplo do próprio Virilio: a relação amorosa é o relato do amanhã; a paixão, o relato de instante. É preciso fazer ressurgir, mesmo na velocidade, mesmo no instantâneo, a força do relato. E isso é coisa que, desde sempre, o homem sabe fazer.

Nas sociedades antigas a memória se tornava viva e passava de uns para os outros através da oralidade. Os anciãos eram os arquivos vivos – catálogos em carne e osso de uma comunidade – eram eles os guardiões da memória. E o passado permanecia vivo e operante por que estas pessoas tinham a capacidade de recontá-lo em histórias. De certa maneira, este tipo de memória, a da palavra, continua atuante pelo esforço dos pais, que contam histórias antes de dormir para os filhos, ou de instituições que fazem deste jogo lúdico o seu trabalho. Mas é certo que, cada vez mais, se contam menos casos. O gosto por estabelecer esta troca de histórias e de relatos não atinge apenas a comunidade real, mas também a virtual. O desafio é fomentar a narrativa e “definir sua substância”.

Já vimos que as narrativas continuam a ser possíveis, mesmo no tempo comprimido, mesmo no espaço inexistente, só é preciso dar as ferramentas para estes leitores aprenderem a **se narrar**.

Ler se aprende lendo e *lendo juntos*, como o amor pelas histórias nasce de ouvi-las narrarem – desde a mais tenra idade, por vozes amadas. Em outras palavras, toda a metodologia de convívio com a palavra escrita, sobre o papel, os muros ou na tela de um computador, ao menos a princípio, deve ser uma experiência partilhada. (Yunes, 2002, p. 5)

Ou seja, em poucas palavras, é o retorno ao modo tradicional de produção de memória. Uma memória que está, entre outras coisas, ligada aos afetos, aos

interesses comuns e às paixões. É despertar novamente a emoção e a espontaneidade como parâmetros de “estar junto” e criação de uma memória coletiva.

Esta volta às origens do narrar não é repetir tudo como foi feito, mas encontrar uma forma de fazer diferente. Poder desenvolver cada vez mais a capacidade que temos de ser criadores de mitos, de participarmos da fabricação deles dentro da sociedade, seja ela real ou virtual. Contribuirmos para a “falação do mundo”, no dizer de Serge Moscovici. E a contribuição não pode ser apenas falar, sem ordenação ou objetivo, mas “racionalizar os nossos atos pela palavra”. Gravar mnemonicamente uma ação é não só fazê-la, mas aprender a contá-la e recontá-la para os outros, fazer a narração, criar mitos e, em função deles, memória. É aí que estaremos trocando histórias, informações, criando laços e vínculos que podem possibilitar o cruzamento das memórias pessoais e coletivas.

A narrativa é uma das condições fundadoras da memória porque é generosa, é feita pensando no Outro, para atingir o Outro. E é tão atual que se torna imprescindível para a construção da memória independente do suporte onde ela está inscrita. Memória coletiva, partilhada, é obtida pela partilha de experiências coletivas. E estas são exteriorizadas, tomam forma através do relato. A narrativa divide experiências entre as pessoas independente do espaço e do tempo.

Por isso, a narrativa é fundadora: ela é suplente da experiência compartilhada e participa da fundação da memória coletiva. Através dela se elabora o senso comum: a partilha das experiências passadas e que não foram divididas no momento. A narração, a possibilidade de que todos os membros de uma comunidade têm de acessar e de enviar as informações que nutrem um sistema, permitem a formação dessa memória comum. (Casalegno, 2006, p. 32)

Trata-se de adaptar as antigas formas de troca, linguagem e memória às novas tecnologias. Invariavelmente, não abandonamos hábitos passados, renegociamos e readaptamos eles aos novos códigos culturais.

6 – PERMANÊNCIA E IMORTALIDADE

A narrativa, o contar-se e recontar-se, é um hábito humano que deve ser mantido no ciberespaço não só porque garante a permanência da memória como também porque vai tocar numa questão importante para o homem: a imortalidade. O principal problema de um grupo, uma comunidade e, em última instância, do homem que existe temporalmente é o da permanência. Continuidade e duração para além da morte são aspirações que só se tornam possíveis através da memória. Por isso, frequentemente, as sociedades retomam as memórias de seus mortos é uma maneira singular de gerar uma memória viva. “A morte é algo importante na vida de uma comunidade e, paradoxalmente, ela mantém vivas as pessoas. Os italianos teorizaram muito a respeito dessa idéia. A função não morre, a cidade não morre.” (Moscovici, 2006, p.76)

O conto *O Imortal*, de Jorge Luis Borges, potencializa esta idéia de uma imortalidade obsoleta, de homens que vivem os seus dias sem a preocupação de construir uma memória viva, porque, na verdade, vivem de memória. São homens baixos, de pele cinzenta e barba desleixada, nus, porque já não se importam em esconder o corpo, porque se conhecem há muito tempo, porque esqueceram as diferenças entre o dia e a noite e se desligaram da aparência (quão difícil deve ser olhar-se no espelho todos os dias de uma vida eterna). De tal forma se imortalizaram, que esqueceram a linguagem e a complexidade que ela exige, optaram pelo mutismo. A cidade que construíram carece de lógica: os corredores são sem saída, as janelas altas e inalcançáveis, escadas invertidas, portas que se abrem para celas ou poços. Um labirinto subterrâneo e pouco iluminado que não se propõe a ter uma saída ou finalidade. Dentro da ficção borgeana a imortalidade é desprovida de sentido, “prolongar a vida do homem é prolongar sua agonia e multiplicar o número de suas mortes”.

O fato é que, para Borges, o homem é o mais mortal dos seres, porque é o único que tem consciência de sua morte. E é porque o homem sabe que a sua vida vai terminar um dia que almeja a imortalidade. Portanto, tudo o que ele produz – seja individual ou coletivamente – é investido de sentido, faz parte de um projeto, já que conhece a sua “condição mortal”. As coisas têm o valor do irrecuperável, do que jamais poderá ser feito novamente.

O ponto crucial em questão é que o conhecimento da mortalidade significa, ao mesmo tempo, o conhecimento da possibilidade de imortalidade. Em consequência, não se pode estar ciente da mortalidade sem encarar a inevitabilidade da morte como uma afronta e uma indignidade, e sem pensar nas maneiras de corrigir o erro. (Bauman, 1998, p.191)

Até agora, a única maneira que o homem encontrou de “corrigir” este problema é gerar discursos criativos para produzir memória. O indivíduo pode não estar mais aqui, mas os seus arquivos permanecem garantindo um prolongamento de memória e de vida, quem sabe, posterior imortalidade.

Mas se a rede é fluida, virtual e fora do controle ela pode funcionar como um mecanismo para a imortalidade? É possível para um navegador do ciberespaço gravar a memória de suas viagens diárias pela rede? O espaço virtual gera uma maior insegurança em relação à memória porque não inscreve concretamente a trajetória realizada. O controle sobre o itinerário, sobre as janelas e portas que se abrem não é o mesmo que temos sobre o espaço físico. Quando lançamos nossos dados na rede sentimos uma sensação de imaterialidade e descontrole sobre nossas ações e produções. “Os medos são maiores no computador porque a técnica nos escapa. De um lado, você acredita que o seu texto vai desaparecer no nada (apagamento acidental), do outro que ele apareça lá onde não deveria.” (Lejeune, 2000, p. 35) Para evitar o primeiro perigo a saída é arquivar o máximo de documentos dentro do computador. De toda a forma, o material (texto, foto, site) sai do domínio pessoal para entrar no domínio da máquina.

E as máquinas são traiçoeiras. A frágil memória do computador, as freqüentes mudanças na internet e as dificuldades técnicas do maquinário são alguns problemas que agastam a cabeça destes novos arquivistas, os arquivistas da rede. Contra a fluidez e a imaterialidade disfarçada pelo opaco da tela, os usuários só tem a seu favor a reedição de formas antigas de memorização: a abertura de arquivos e pastas virtuais e, em alguns casos, a impressão de textos inteiros. Preocupados em perderem uma referência, uma anotação, um texto de interesse, muitos recorrem à impressora e, depois, transformam o acúmulo de papel em arquivo morto. Junto com os livros não lidos, os documentos baixados da internet e impressos dormem em algum lugar remoto do escritório.

Ou ainda o registro dos “documentos virtuais” pode ser feito no próprio disco rígido do computador, no disquete ou CD. O medo de perder informações faz com que os arquivos se multipliquem, fiquem em um ou mais suportes de memória e que nenhum deles seja verdadeiramente o original. Cria-se uma memória de apoio que, se não garante a imortalidade, assegura um duplo “imortal”, um computador que, a princípio, estará com todas as informações disponíveis sobre nós mesmos. Garantidos pelo “salvar como”, o “copiar e colar”, o “guardar”, o “acessar” nos descuidamos temporariamente dos nossos registros pessoais mnemônicos. Mas pode o computador garantir a imortalidade das produções individuais?

O critério de imortalidade tem como idéia principal o fato de deixar uma “marca no mundo”. A proliferação de arquivos na rede apenas reflete o medo do homem contemporâneo de não conseguir marcar a sua existência na história, de se perder no vazio do esquecimento. O leitor-navegador só poderá estabelecer a sua marca produzindo criativamente na rede, o que gera um paradoxo: os trabalhos que circulam aí têm uma autoria fluida, dançam no espaço virtual. E, mais do que isso, eles são costurados e feitos através da interação de várias memórias, pertencem a subjetividades diferentes – são um cruzamento de várias individualidades. Desta maneira, fica difícil reclamar para si a autoria de uma idéia ou um comentário que é feito num espaço de comunicação bastante vasto. A autoria é uma noção flutuante na rede, as dúvidas sobre quem foi o gerador de uma idéia são bastante naturais. As memórias são construídas em grupos e recebem a contribuição de várias pessoas.

O risco é a perda do que há de pessoal nisso, de se estar acoplado à massa, gerando um discurso (e voltamos novamente ao problema da narração) coletivizante e repetitivo. A estratégia das antigas narrativas para um indivíduo se manter “inesquecível” era se fazer gravar na memória do grupo e vencer o passar dos anos. Mas este indivíduo ainda tinha um desafio para ocupar o seu lugar na memória humana geral: realizar um feito individual, que ninguém realizou, notável.

A imortalidade é, afinal, um empreendimento – uma condição *antinatural*, que não surgirá por si mesma, a não ser engabelada ou obrigada a existir. Realizar o sonho exigiria muito esforço e estratégia inteligente. E a história humana

estava abarrotada de tais esforços (...) (BAUMAN,1998, p. 192)

Os governantes e líderes religiosos, políticos e econômicos dos homens e também os autores, poetas, filósofos, artistas tiveram este poder inovador, o poder de criação da memória individual.

A questão já não é mais como obter atenção num espaço generalizante como o virtual – isso ainda se revela uma tarefa bastante intransponível – mas atuar neste espaço de forma individual e criativa para construir um discurso próprio a partir de fragmentos e memórias disponíveis a todos. É abandonar a noção tradicional de imortalidade individual, heróica, por que já não é mais possível criar uma memória em cima de uma narrativa linear. E enfrentar com coragem uma luta diária para sobreviver ao instante, ao efêmero, para se inscrever no tempo e se tornar imortal dentro daquele presente dilatado de que falamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmund. O Mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 272 p.

BORGES, Jorge Luis. O Aleph. Rio de Janeiro: Globo, 1985. 146 p.

CASALEGNO, Federico (org). Memória cotidiana: Comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. 304 p.

DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2007. 226 p.

HUYSEN, Andréas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 200. 116 p.

LEJEUNE, Philippe. Chér écran: Journal personnel, ordinateur, internet. Paris : Editions du Seuil, 1993. 454 p.

MIRANDA, Wander Melo. Corpos escritos. São Paulo: Edusp, 1992. 174 p.

TURKLE, Sherry. A vida no ecrã: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio d'Água, 1997. 484 p.

YUNES, Eliana. Perspectivas da leitura no século XXI. Rio de Janeiro, 2002.

_____. Como podemos ainda falar em formação de leitores? Granada, 2005

SOBRE O AUTOR

Denise Ventura Schittine possui graduação em Jornalismo pela UFRJ (1997) e mestrado em *Comunicação e Sistemas Simbólicos* pela UFRJ (2002). Trabalhou como pesquisadora do CNPq no projeto interdisciplinar “Imaginário do Brasil

Contemporâneo” (1995/1997). Iniciou em 1997 o trabalho como jornalista cultural no Jornal do Brasil (“Caderno Idéia” e “Revista Programa”) e na Petrobrás (como editora do “Guia Cultural BR Indica”). Em 2006 começou a atuar como editora da coleção “Letras Tropicais”, da Editora Palavra (Lisboa/Portugal). Sua especialização é em escrita íntima nos meios virtuais e na temática da internet. Possui um livro publicado sobre a pesquisa que teve a orientação de Heloisa Buarque de Hollanda: “Blog, comunicação e escrita íntima na internet” (RJ: Civilização Brasileira). Doutoranda em *Estudos de Literatura* pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atualmente estuda os processo de imaginação, cognição e linguagem de autores que ficaram cegos usando como base teórica as obras de Jorge Luis Borges e João Cabral de Melo Neto.

